

A trajetória da guarda-redes e árbitra no futebol moçambicano: Elsa da Graça Mavile

The trajectory of the goalkeeper and referee in the Mozambican football: Elsa da Graça Mavile

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Doutor em Estudos Literários, UFMG
gustavocguimaraes@hotmail.com

Eunice Marisa Fernandes

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Graduada em Letras, UEM

Nimwive Agostinho Silvino

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Graduando em Letras, UEM

RESUMO: Entrevista a Elsa da Graça Mavile, árbitra e ex-goleira moçambicana, sobre os desafios de sua trajetória no futebol, realizada no Instituto Guimarães Rosa, em Maputo, em 2022, como parte do projeto da exposição de artes *Futebol e memória: guarda-redes do Brasil e de Moçambique*, exibida ao longo da Copa do Mundo no Qatar. Elsa nasceu em Maputo, em 1982, onde começou a jogar bola com meninos e a participar de torneios femininos entre 1997 e 2007. Chegou à baliza da seleção nacional em 2002. Hoje, exerce a arbitragem.

PALAVRAS-CHAVE: Elsa Mavile; Futebol feminino; Narrativas de futebol; Futebol moçambicano; Futebol e gênero.

ABSTRACT: Interview with Elsa da Graça Mavile, referee and former Mozambican goalkeeper, about the challenges of her career in football, held at the Instituto Guimarães Rosa, in Maputo, in 2022, as part of the art exhibition project *Football and memory: goalkeeper of Brazil and Mozambique*, shown during the World Cup in Qatar. Elsa was born in Maputo, in 1982, where she started playing ball with boys and participating in women's tournaments between 1997 and 2007. She reached the goal of the national team in 2002. Today, she practices refereeing.

KEYWORDS: Elsa Mavile; Women's football; Football narratives; Mozambican football; Football and gender.

Elsa da Graça Mavile nasceu em Maputo no dia 29 de julho de 1982. Jogou pelos clubes Rock 7 (1997-2004), Spice (2004-05), Porto da Matola (2005-06) e Paradise (2006-07), ganhando alguns títulos, foi tricampeã da Cidade pelo Rock 7, bicampeã da Cidade pelo Spice e campeã da Cidade pelo Paradise. Também foi campeã pela seleção moçambicana, em 2002, da Universíada. Elsa passou sua infância no bairro da Polana Cimento, em Maputo, e sua adolescência na Cidade da Matola, onde começou a jogar bola com os meninos, pois, naquela época as meninas pouco se arriscavam a chutar a bola. Mais tarde, no futebol de 11, passou a atuar no meio-de-campo. Um dia, por acaso, uma colega solicitou a Elsa que se pusesse à baliza, de onde não mais saiu. Com 1,64 m de altura, ágil e determinada, em 1997, estreou pelo Rock 7, destacando-se no futebol feminino amador de Maputo até chegar à seleção moçambicana. Teve poucas referências de guarda-redes em sua formação. Gostava de observar os jogos dos arqueiros masculinos. Atualmente, é árbitra de futebol e vive no Município de Boane, em Campoane.

Esta entrevista, realizada por Eunice Marisa Fernandes, foi filmada por Arlindo Dombale e Arlindo Miado, no Instituto Guimarães Rosa, em Maputo, no dia 3 de novembro de 2022, no âmbito do projeto da exposição de artes *Futebol e memória: guarda-redes do Brasil e de Moçambique*, ao longo da Copa do Mundo de Futebol, em 2022.

¹ Curso ministrado pelo pesquisador do CRFB/Museu do Futebol, Marcel Tonini, em dois encontros on-line.

A transcrição da entrevista é de Agostinho Silvino e o roteiro e a redação final são de Gustavo Cerqueira – a partir do curso de História Oral e de Técnicas de Entrevista oferecido pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) do Museu do Futebol de São Paulo.¹

* * *



Uma menina e dez meninos. A guarda-redes Elsa alinhada aos jogadores futebol masculino. Fonte: *Um goleiro, uma garantia*, 2022.

Eunice Fernandes, Gustavo Cerqueira e Agostinho Silvino:
Para começar, gostaríamos que nos falasse um pouco da tua infância e adolescência, do lugar onde cresceste... onde tu estudaste?

Elsa Mavile: Na minha infância, joguei futebol de bairro, com rapazes, por falta de raparigas interessadas. Eu era uma intrusa. Sempre que houvesse um jogo de futebol, eu lá ia. Chamávamos de “um toque”, jogávamos entre duas árvores, e ficava a jogar entre as balizas, que eram as árvores. Mas, às vezes, ia ao campo ao lado da minha casa, onde ia assistir aos jogos e fui me apaixonando pelo futebol porque me chamavam de “Maria-rapaz”, pois eu não brincava com meninas, nunca tive vocação para fazê-lo, apenas estava mais para o lado dos homens. Assim sendo, tudo que os homens faziam na altura, era futebol, um arame ali, um carrinho ali, eu estava lá. Nos anos 1990, a Sandra que vivia nas minhas proximidades, na Polana Cimento, e as meninas da família dela juntavam-se a mim para que jogássemos futebol. Então num belo dia, decidimos fazer um desafio na zona e fomos a um pátio no prédio onde a Sandra morava e ficamos lá a jogar. Para dizer que me inspirei

tanto por ver a Sandra a jogar, mas tinha medo de me achegar a ela e perguntar onde é que ela jogava. Certo dia, apareceu em minha casa uma menina que jogava com a Sandra no Rock 7, ela falou de futebol de tal modo que perguntei se existe alguma equipa feminina de futebol, ela respondeu que sim e, em seguida, convidou-me a jogar e eu aceitei. Juntas fomos, ela apresentou-me o clube e engrenei-me no ano de 1997. Estudei na EP1 e na Escola Secundária da Polana e, passado muito tempo, fiz a minha EP2 na Escola de irmãs mas acabei parando por motivos dos quais agora não me lembro, mas o certo é que eu tinha um treinador que insistia para que estudássemos ele não queria jogadoras que não estudassem de tal modo que com seus incentivos, acabei voltando à escola.

Conte-nos um pouco sobre si, sobre teus pais e tua família.

Os meus pais sempre me apoiaram, apenas o meu avô é que não gostava de me ver jogar futebol, porque alegava que, por ser mulher, eu tinha que ficar em casa, nesse cenário, eu desaparecia sorrateiramente de casa somente para ir fazer um jogo

de futebol e quando eu voltava ele batia-me. Mas eu não deixava de lá ir, pois a minha mãe sempre apoiou-me e o meu pai também, apesar de ser de longe. Pelas insistências, o meu avô percebeu que era o que eu gostava de fazer e deu-me um passe livre para que, finalmente, eu jogasse futebol, mas com a condição de não deixar de ir à escola.

Hoje, o que fazes no dia a dia, qual a tua ocupação?

Até parar de jogar futebol, fui goleira, começando antes como média do lado direito, mas num dos dias, uma colega de equipa propôs ao treinador para que eu jogasse no gol e desde aquele dia, o treinador passou a apostar em mim, de tal modo que segui como goleira até à minha aposentadoria. Atualmente, sou funcionária de uma indústria, assistente financeira, estudante do ISN-Matola, cursando Contabilidade e Auditoria. Sou árbitra e tiro alguns dias para poder treinar, como forma de manter a forma física.

Como tu descobriste o futebol? Teve algum incentivo familiar para gostar do jogo?

Em casa não havia alguém que gostasse de jogar futebol. O meu

avô, por exemplo, apenas assistia ou escutava aos relatos dos jogos pela rádio. As minhas tias foram praticantes de desporto mas não o futebolístico, pelo contrário, dedicaram-se ao basquetebol, o que quer dizer que não me inspirei em ninguém da família na área do futebol. Como eu disse antes, havia um campo ao lado da nossa casa e, sempre que houvesse algum jogo por lá, íamos ao muro assistir aos jogos que eram muito competitivos.

Como chegaste ao primeiro clube?

Através duma conhecida que ouvira dizer que eu queria jogar futebol, esta que falou com a prima chamada Patucha, que também jogava futebol, para que me levasse ao local onde elas praticavam.

Qual a tua lembrança mais antiga de futebol? Recordas de alguma experiência marcante que envolva o jogo da bola... (inusitada, engraçada ou emocionante).

Algo que me marcou muito, foi no campo, que agora não me recordo o nome, mas fica onde agora tem a escola do ISPU. Num sábado, fomos fazer um jogo entre a equipa feminina de-

safiando a masculina que era a finalização para, no dia seguinte, fazermos um jogo oficial. Lembro-me ainda da primeira vez que fui à baliza porque a goleira principal chegou tarde e, naquele mesmo dia, tive um choque com um jovem, num lance de pontapé de canto, em que num cruzamento para a nossa área, ao invés de ir à bola com os punhos para socá-la, fui com a cabeça e de olhos fechados numa situação imprópria e o meu queixo chocou-se na nuca do jovem de tal modo que me aleijei nos dentes, eles tiveram uma inclinação, e o jogo teve que parar porque foi grave.

Foi adepta ou és adepta de algum clube?

Sim, aqui em Moçambique sou pelo Maxaquene, que hoje está onde está [segunda divisão do campeonato nacional], mas é uma equipa de coração. Fora do país, em Portugal, sou adepta do Porto F. C.

Quais eram os principais clubes, técnicos/treinadores e atletas do futebol feminino de tua época?

Em primeiro lugar, os clubes Rock 7, Ajax, Gatas Negras, Cos-

mos e os outros já não aparecem em mente. Quanto aos treinadores, destaco Waze Bota e Luís Nhancale. E quanto às atletas, temos a Sandra Coroma, Dukce Miguel Mendes, Aminagy Gafur, Olávia Matavel, as outras só posso citar os primeiros nomes: Laila, Maninha e as demais.

Quais foram tuas referências no meio futebolístico, teus modelos na posição de guarda-metas?

Eu me inspirava em Brian Baloyi [goleiro sul-africano que disputou a Copa do Mundo, em 1998 e as Olimpíadas, em 2000], eu fui buscando aquilo que ele fazia para aplicar no meu dia a dia.

Tu jogaste em clubes amadores? Conte-nos tua experiência.

Sim, já joguei e foi uma experiência positiva na África do Sul, onde nós jogávamos em torneios, saindo de uma cidade para outra para fazer torneio e, em algum momento, jogávamos futebol 11 e, por vezes, futsal. Numa das vezes, fomos a uma cidade jogar e o torneio iniciou pelo meio-dia e só terminou às dez da noite, onde fui eleita melhor goleira.

Quais eram as tuas principais características dentro de campo?

Eu era muito rebelde. A posição de goleiro obriga-nos, no momento do jogo intenso, a não deixar nada passar. A nossa luta naquele momento é pela vitória, razão pela qual eu era muito brava.

Em quais clubes jogaste?

Já joguei no Rock 7 [1997-2004], Spice [2004-05], Porto da Matola [2005-06] e Paradise [2006-07].

Já participaste de campeonatos oficiais, conquistaste títulos? Se sim, quais?

Particpei, sim em vários campeonatos nacionais e fomos campeãs da Cidade de Maputo e, num desses campeonatos, acabei sendo convocada para a seleção.

Quantos jogos? Quais competições? Conte um pouco sobre tua experiência na seleção...

A minha primeira convocatória para a seleção partiu do campeonato feminino, no ano de 2002, jogo contra a África do Sul, um torneio entre universidades e, visto que a Universidade Eduardo Mondlane não tinha uma equipa de futebol feminino,

nós fomos para lá com a nossa seleção para representar o país e conseguimos conquistar o campeonato, mas é de salientar que no primeiro jogo, sofri o primeiro golo, nos primeiros segundos do jogo, a bola vinha em rosca, eu me baixava para buscá-la e ela passou por meio das minhas mãos, escapando-se. Eu estava a vários metros da baliza e quando tentei ir atrás da bola já era tarde. Joguei também na África do Sul.



Em 2002, em seu primeiro ano de seleção, Elsa fora de campo com as companheiras, jogo contra a África do Sul.

Fonte: *Um goleiro, uma garantia*, 2022.
Capa da revista *FuLiA/UFMG*, v. 8, n. 2 e 3, 2023.

Como começaste a jogar para a África do Sul?

Tive a honra de ter uma medalha e dignificar o país. A equipa foi o Free State, que me acolheu quando eu lá cheguei, porque eu precisava de me ocupar, e falei para a minha mãe que eu não queria estar em casa, acordar e arrumá-la, depois, cozinhar... Queria, na verdade, algo que me fizesse sentir viva, porque sentada, em casa, me sentia morta. Estando eu sentada no quintal de casa, vi um moço que sempre passava a mesma hora e eu dizia à mãe que aquele moço ia sempre jogar futebol. Ela perguntava se eu gostaria de continuar a jogar e eu respondia que sim. Mas a dificuldade surgia porque eu não tinha como me comunicar com o rapaz pois falávamos línguas diferentes, mas a minha mãe se dispôs a ajudar. Num dos dias em que ele passava, o interpelamos, pedindo-o um minuto dele. Ele respondeu que estava com pressa, mas explicamos que seria uma coisa de curto tempo e ele veio perguntando como poderia nos ajudar. Sem alongar muito, a minha mãe disse-lhe que eu gostaria de jogar futebol e que todos os dias o via passando a àquela hora. Como ela fará para poder se engrenar onde tu jo-

gas? ao que ele respondeu que se tratava de uma equipa masculina, sem alguma menina no plantel. A minha mãe respondeu que estava tudo bem, que eu sabia jogar futebol, pois precisava de um lugar para passar o tempo e sair de casa. O rapaz respondeu que informaria ao clube naquele mesmo dia e que no dia seguinte passaria para levá-la. Perguntei a ele sobre que tipo de futebol praticam e ele respondeu que jogavam futsal. Assim, arrumei meus calçados no dia seguinte e, lá, fui com ele. Chegado ao campo de treinos, ele me apresenta à equipa e, para o meu azar, era a pré-época. Foi duro mas visto que eu queria tanto jogar, fui engrenando e, num belo dia, a treinadora disse que tínhamos uma viagem para Nelspruit e eu disse que queria ir. Ela perguntou se eu estava pronta para jogar, eu respondi que, caso me colocasse, eu jogaria. Estou a treinar por todos esses dias é porque quero jogar. Visto que a senhora queria fazer o seu marketing, quando chegamos ao jogo, colocou-me na titularidade, de tal modo que o adversário ficou encabulado pois num torneio daqueles de 16 equipas, jogava-se eliminatórias. Fiz oito jogos num único dia de modo que já não que-

ria mais nada naquele dia, porque os meus braços estavam todos inflamados, e mesmo assim voltamos com a taça e o valor que eles tinham para dar.

O que levou a tua mãe a mudar-se para a África do Sul, quanto tempo por lá ficastes?

Nós somos uma família de cinco irmãos. Eu sou gêmea e somos as primeiras. Dos cinco irmãos, perdemos uma que era esposa dum jogador chamado Nando Matola, em um acidente fatal em que toda a sua família se foi. A minha irmã chamava-se Sheila.² Fiquei na África do sul por pouco tempo e tive que voltar sozinha porque não consegui me adaptar devido às temperaturas baixas, das quais não me habituo. Fiquei lá por um ano e aprendi o idioma. O motivo que nos levou para lá foi a missão do serviço que a minha mãe tinha que cumprir.

Após a minha volta ao país, voltei a jogar no nosso futebol moçambicano, levando a vida normalmente. Passado algum tempo, fizeram novamente a convocatória e o meu nome

² Conf.: “Num trágico acidente na RAS: Morre Nando Matola jogador dos Mambas”, 2007. Sobre o acidente de carro de Sheila, irmã de Elsa, os dois filhos e o marido, futebolista.

constava da lista, fomos a um torneio realizado no Zimbábue, chegamos até aos quartos de final, mas, infelizmente, perdemos por 1 a 0 para a Zâmbia. Pela seleção, fizemos jogos na Argélia, Zimbábue, Moçambique e África do Sul. A minha última participação pela seleção foi contra a Argélia, no ano de 2007.



Nos anos 2000, Elsa em viagem com as suas companheiras da seleção moçambicana. Fonte: *Um goleiro, uma garantia*, 2022.

A tua irmã gêmea também joga à bola?

Não, nunca quis nada profissional. Apenas jogávamos ao futebol de bairro.

E hoje frequentas jogos de futebol? Se sim, vais ao campo com quem?

Sim, frequento e gosto. Vou assisti-los com as minhas amigas, às vezes levava a minha filha mas acabei por pedir que a minha mãe a levasse, o que fazia com que fosse ou sozinha ou com as minhas amigas. Mas ando perdendo gosto de ir aos campos, vou muito mais por causa da arbitragem. O nosso futebol está uma lástima que já não me dá vontade de lá ir.

Acompanhas o futebol pelo rádio ou pela TV, quais competições?

No momento não acompanho, ou se acompanho, tem sido pela rádio e acompanho muito mal.

Quais iniciativas são feitas para a preservação da memória das jogadoras e dos clubes de futebol feminino de Moçambique? Vês alguma importância nisso?

Vejo e não tenho pernas para andar. Eu vejo mas os outros talvez não queiram levar a peito, então, isso fica em banho-maria.

Se fizéssemos uma exposição num centro de memórias para abordar episódios de racismo no futebol moçambicano, o que dirias?

Para ser sincera, quando jogamos, éramos todas de raça negra, não havia raça branca, apenas algumas mulatas, e sem racismo no futebol feminino.

Se fizéssemos um livro para falar sobre as condições de trabalho das jogadoras moçambicanas no passado, o que não poderia faltar?

O futebol feminino é, na verdade, uma modalidade sem apoio e, para mim, é algo de se lamentar pois por mais que a gente vá e conquiste patrocínios, não temos pernas para andar. Nalgum momento, são os próprios dirigentes que nos cortam os pés, o que deixa o futebol feminino sem muito a dar. As mulheres jogam porque gostam, mas não temos incentivo, só temos lamentações, razão pela qual o tempo em que jogamos futebol é muito curto, pois temos que, nalgum momento, olhar

para o nosso futuro, porque o futebol não nos dá nada, a gente joga apenas porque gosta, jogamos apenas por amor à camisa. Joguei de 1997 a 2007.

Se fosse criado um museu do futebol em Moçambique, quais guarda-redes não poderiam faltar?

Eu falaria de mim mesma. Eu não poderia faltar. E o Brian Baloyi.

Sabemos que a guarda-redes passa grande parte da partida sozinha, solitária, o que você pensava enquanto jogava?

Pensava que sempre viria uma bola e que eu teria que pular para segurá-la, para que ela não chegasse ao chão. Estando sentada, imaginava uma bola que não pudesse chegar ao chão, em que eu teria de levantar, correr e, em seguida, fazer o voo, encaixar e cair com a bola. Quando estamos no gol, não imaginamos o que vamos fazer quando surge um ataque, apenas agimos, vemos apenas o cenário da bola em arco e temos que pensar/agir rápido se tenho que tirar a bola ou segurá-la, ou se a bola deve ou não chegar ao chão.

É comum, infelizmente, ouvirmos histórias de jogadoras que sofrem preconceito por jogarem futebol. Isso aconteceu contigo? Se sim, quais foram as dificuldades encontradas. Saberia dizer sobre a experiência de outras jogadoras de tua época?

Não, nós tínhamos mais apoio ainda.

Então, achas que, nos últimos anos, há ações efetivas em Moçambique que estimulem as mulheres a praticarem futebol?

Não, não existe.

Já sofreste assédio da parte técnica quando iam nas viagens em equipa?

Tocou num ponto muito importante. Eu, em particular, nunca sofri, e as que sofriam não vinham dizer ao grupo, mas notávamos as atitudes, pois por mais que algumas jogadoras não dessem nada de esforço nos treinos, estavam sempre no onze inicial. Não tínhamos alguém para nos apoiar, a não ser a médica, que considerávamos como sendo a nossa mãe. A gente chorava para ela, porque a treinadora é um assunto que vem depois.

Houve uma selecionadora mas era apenas uma capa de revista, porque os dirigentes não foram buscar alguém que entende da matéria, mas, sim, alguém de “faz-de-conta”, alguém que servisse apenas para enfeitar, e no meio daquilo tudo era só fantochada. Na verdade, se algum dia sofri assédio, foi na arbitragem. Mas como sempre digo, sou uma pessoa determinada vou à arbitragem com o objetivo de ser juíza do jogo. Sou feliz na arbitragem hoje, porém, alguma coisa não fez com que eu realizasse aquele que era o meu sonho no futebol. Nessa parte, só tenho mesmo de lamentar.

Como deixaste o futebol para seguir com a arbitragem?

Primeiramente, o convite da minha amiga para área da arbitragem. Era para eu fazer apenas o curso, enquanto continuava jogando futebol. Caso eu gostasse, poderia lá ficar. Aceitei o convite, e fomos juntas. O curso durou um mês. Aprendi muito de arbitragem, mas continuei jogando futebol.

Depois de um tempo, lá na arbitragem, avisaram-me que fiquei em terceiro lugar com uma grande pontuação. Convidaram-me para fazer parte da casa da arbitragem, e eu pensei se,

simultaneamente, poderia jogar e me empenhar na arbitragem. Mas a escolha tinha que ser uma: ou servisse no futebol como jogadora ou como árbitra. Após analisarem a minha situação, chegou-se à conclusão de que poderia ajuizar os jogos masculinos e jogando pelo futebol feminino. Fui fazendo esse exercício na época inteira e, no ano seguinte, a ACNAF disse que eu tinha que me decidir de tal modo que fiquei entre as paredes. Falei com o meu treinador que a minha idade já havia avançado e que precisaria de atirar a minha toalha ao chão. O treinador entendeu e deixou-me seguir em frente.

O que seria difícil é que no ano a seguir, quando estivesse totalmente entregue à arbitragem, teria que não só ajuizar os jogos masculinos mas do mesmo modos os femininos. Foi muito difícil porque as jogadoras diziam “essa foi jogadora”, não pode ajuizar nossos jogos. Mas eu não devia satisfação a elas e evitava discutir. Entrei na arbitragem como assistente de carreira, mas o tempo foi escolhendo para mim e um dia disseram-me que não deveria trabalhar apenas com a bandeirola, porque o apito também fazia parte da arbitragem e eu

deveria passar a usá-lo. Passei a fazer jogos de BEBECs e iniciados como sendo a árbitra principal e passei também a ser árbitra principal de jogos femininos, foi uma grande guerra. No campo da Académica, por exemplo, num dos jogos do Paradise, eu ouvi grandes falácias de um trio de jogadoras. Quando eu apitava alguma falta, diziam “ela não sabe nada” e me zoavam das bancadas de tal modo que a amiga que me levava para o curso de arbitragem ficou furiosa e começou a exaltar-se tanto que acabei dando-a uma cartolina amarela, avisando-a que da próxima vez, teria uma cartolina vermelha. O treinador Waze, que foi meu ex-treinador no Paradise e no Rock 7, também exaltou-se tanto que eu dirigi-me a ele e disse-lhe que não o expulsaria porque ele tinha que ver o jogo e quem eu tinha me tornado, pois eu estava lá graças a ele. Quando eu apitava uma falta a favor do Paradise, as pessoas diziam que eu estava favorecendo a minha antiga equipa, mas nós não estamos em campo para favorecer a ninguém, o árbitro, no momento do jogo, é imparcial, mas as pessoas não percebem isso. O jogo terminou e fui noutro, que também era feminino, e me foi dada a

missão de apitar apenas os jogos femininos até que elas se abalixassem comigo, pois tinham que entender que eu já não era jogadora, mas, sim, árbitra. Foi desse jeito que trabalhei até os dias de hoje, várias delas já não estão no futebol. A arbitragem é uma atividade individual, se tu treinas ou não está tudo na tua posse. Estas medalhas e troféus vem de muito trabalho de arbitragem.



Elsa Mavile compartilha suas memórias futebolísticas no Auditório José Craveirinha, IGR-Maputo. Fonte: *Um goleiro, uma garantia*, 2022.

Começo da Taça João Albasini, no ano de 2013, fomos

eleitos como o melhor quarteto; em 2018, no Torneio João Albasini fui eleita melhor árbitra; no mesmo ano, Liga Nacional de Futebol Feminino, Taça em Lichinga, melhor árbitra, entre União Desportiva de Lichinga x Academia de Nampula. O jogo não terminou, pois, após a primeira parte, eu assinaliei uma grande penalidade a favor da equipa de Lichinga e a equipa de Nampula recusou-se a defender o pênalti. E o jogo teve que terminar com a vitória da equipa da casa. Em 2019, na 10^a edição da Taça João Albasini, como sendo melhor árbitra; em 2019, Torneio Victor Miguel, melhor árbitra. Na arbitragem, sofremos muito preconceito, mas, é normal. As pessoas fazem qualquer coisa para atrapalhar-nos.

E como te preparas para apitar?

Há procedimentos rigorosos para ser árbitro. Primeiro, fazer porque gosta, depois, decidir o que te leva para lá. Devemos ir para a arbitragem sabendo que é doloroso mas o tempo determinará. Cada seção é uma determinação, um jogo tem 90 minutos, mas debes treinar. Num jogo, quem corre mais é um árbitro e não os jogadores. Se quiser alcançar a segunda liga, deve

correr tanto e deve haver um preparador. O treino do árbitro equipara-se ao de um atleta. Em 75 segundos, tens que correr 18 segundos o que dá um total de dez voltas [ao redor do campo] e descansas, mas é muito puxado. Antes de iniciar uma partida, devemos conversar e aquecer, encarando o público como parte do dia a dia.

Já fui injustiçada, disseram-me que para ser árbitro FIFA deveria cortar o cabelo. Fiz uma pesquisa para ver o erro que o meu cabelo tem e hoje pergunto: será que o cabelo influencia na estatura física, por acaso o meu cabelo é quem corre? Se assim for, estou fora. Chorei tanto porque via cada vez mais as nomeações em que as pessoas eram chamadas para serem FIFA. As pessoas não podem ir à arbitragem por dinheiro, mas, sim, pela dignidade, pois para chegar a ser FIFA exige-se muito trabalho. Estou há quinze anos a trabalhar. A arbitragem é o dia a dia, não me importa se o nível é feminino, júnior ou sênior estou lá para fazer os jogos e gosto do que faço.

Se pudesses sintetizar o que o futebol representou ou representa na tua vida, o que dirias?

A mim, o futebol dignificou. Onde eu ando ou onde eu andava, as pessoas conseguiam chamar-me de guarda-redes, eu me sentia honrada. Para mim ser goleira foi de grande valia, pois ganhei família. Por onde eu passasse, havia sempre um a dizer que aquela é jogadora fulana ou “x” ou “y”. Essa é uma coisa que até hoje tenho comigo, pois por onde eu passo, as pessoas dizem “aquela foi goleira do Rock 7”, não falam outro nome, sempre Rock 7, que para mim é a equipa mãe, porque me trouxe ao futebol e fez de mim Elsa neste nosso Maputo. Até hoje estou onde estou graças ao futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

Um goleiro, uma garantia: guarda-redes de Moçambique. Qeracê. Documentário. Instituto Guimarães Rosa, Brasil, Moçambique, 2022, 45 min.

Ideias Subversivas (Blog). Num trágico acidente na RAS: Morre Nando Matola jogador dos Mambas, 5 set. 2007. Disponível em: <http://bitly.ws/IKPX>. Acesso em: 7 abr. 2023.

* * *

Recebido em: 16 jun. 2023.
Aprovado em: 25 de jun. 2023.